

CONCEPÇÕES DE TURISMO NO RECIFE DO INÍCIO DOS ANOS DE 1940

DIRCEU S. M. MARROQUIM*

RESUMO

Idéias diferentes em locais geograficamente diferentes que tem como eixo comum narrativas sobre um mesmo espaço é o objeto deste artigo. O espaço, como sugere o título, é a cidade do Recife e o fio condutor para a realização deste intuito são as concepções de turismo que de alguma maneira influenciaram as reflexões sobre este campo na capital pernambucana daquele período. Nesses anos de exceção, que passava o Brasil, algumas novas temáticas foram ganhando relevo na imprensa. Algumas instituições criadas sejam pelo próprio Vargas, por seus cargos de confiança em cada estado ou mesmo entidades privadas vinculadas de alguma forma ao governo central, promoviam o turismo realizando excursões e fazendo planejamentos em longo prazo. A historiografia sobre esta temática ainda não de deteve nas minúcias do que fora denominado o Estado Novo assim como as suas implicações para as cidades. Este texto se propõe a inventariar as falas destinadas ao campo turístico no Recife, capital de Pernambuco, procurando relativizar um pouco as concepções tão cara à historiografia de um Estado absoluto e opressor. Agamenon Magalhães, Gilberto Freyre, Mário Melo e Souza Barros serão os sujeitos aqui abordados. O que se dizia e em última instancia o que se praticava como turismo diverge, ora sensivelmente, ora drasticamente e tinha como resultado final a recepção daquele visitante que aportava na cidade. Aqui foram utilizadas fontes variadas: jornais, memórias, guias, depoimentos orais, cartas e relatórios.

Palavras-chave: Recife; Anos 40; História do Turismo.

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), financiado pela CAPES.

Elaborava-se assim um turismo de cunho nacionalista e que deveria ser propagado de forma a reforçar o projeto regenerador do Estado Novo, traduzido pelas categorias: ordem e trabalho.
(ALMEIDA, 2005. P. 133)

O excerto selecionado para dar início a este breve texto é uma das mais confortáveis opções para explicar em poucas palavras o que seria a prática turística naqueles anos de recessão em Pernambuco. Porém, o percurso abordado nas linhas adiante não seguirá por esta trilha. Ou pelo menos, tentarei relativizar este postulado tão bem consolidado.

Quando a autora afirma o caráter nacionalista da proposta de turismo propagada pelo Estado, ela faz uso de uma série reduzida de documentação e incorre numa saída metonímica na construção de determinadas narrativas históricas¹. Para fazer tal afirmação basta uma rápida olhada nas notas de rodapé do livro e logo se perceberá, no capítulo que trata de turismo, o uso de documentos apenas do ano de 1938². Neste ano não havia em Pernambuco um projeto de turismo pensado no seio do poder público e se existia, ainda não tinha sido institucionalizado³ (V. MARCELO, 2011. P. 125/140).

No ano seguinte, 1939, surgiu pela prefeitura do Recife a Diretoria de Estatística Propaganda e Turismo (DEPT) constituída nove meses antes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável por assuntos de turismo no âmbito nacional (GOULART, 1990). A DEPT possuía uma percepção diferente da apresentada pela autora do excerto do que significava as práticas turísticas. Nas palavras do seu diretor, Manuel de Souza Barros, ficavam expressas preocupações antes financeiras, de tornar o turismo uma atividade rentável, do que nacionalistas. Segundo ele:

O turismo, constituindo objeto de venda, terá que condicionar uma propaganda permanente; ser anunciado e mantido à vista do “comprador potencial”. A falta de turistas, entre nós, decorre sobretudo da ausência da venda organizada do turismo,

¹ Insisto no termo Estado, pois é um argumento da própria autora. Ao utilizar as falas do Interventor Federal em Pernambuco, Agamenon Magalhães, mais precisamente um artigo de 1938 intitulado de “Turismo, ela atribui a estas o status da própria voz do governo. (v. ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. Op. Cit. P. 133). Eu discordo, mas preferi manter, uma vez que certos detalhes de escrita contribuem para a compreensão do percurso metodológico escolhido pela pesquisadora.

² Os documentos selecionados pela pesquisadora foram eminentemente notícias e artigos do jornal *Folha da Manhã*, que era de propriedade do próprio interventor. Ver especificamente as notas 19, 20, 21 e 23.

³ Sobre as políticas de turismo no Brasil, o pesquisador Hernan Venegas Marcelo em sua tese de doutorado aborda brevemente a questão desta normatização inicial do turismo por parte do poder público no Rio de Janeiro.

o americano já estabeleceu esta verdade: “vende-se tudo neste mundo, desde que se possa e se saiba anunciar”. (BARROS, 1940)

E era esse o intuito da DEPT enquanto instituição: divulgar a cidade como um produto.

No texto do decreto nº144 que estabeleceu a criação da Diretoria, o prefeito Antônio Novaes Filho, frisou que a DEPT desenvolveria o turismo “de acordo com as normas adotadas pelo Touring Club do Brasil e outras instituições congêneres” (NOVAES FILHO, 1939)⁴. A determinação não foi renegada por Souza Barros, mas também não foi de todo acatada.

Em um artigo publicado no diário *Folha da Manhã*, que transcreveu algumas falas do Diretor da DEPT pouco tempo depois da criação da instituição, comentou que “o Dr. Apolônio Salles, delegado do “Touring Club”, em Pernambuco, já transmitiu para o Rio, com muita segurança, a opinião que será refletida pelo prefeito a esse propósito”⁵. Refletida pelo prefeito e por Apolônio Salles, mas não por Souza Barros. Ao buscar um modelo para tentar legitimar a sua prática, ele recorreu não aos padrões do clube de turismo, mas às resoluções do Congresso Internacional de Turismo ocorrido na Califórnia dois anos antes. Este congresso tinha como diretriz o fomento das indústrias típicas nacionais, a preservação de costumes, festas e celebrações regionais, preservação de festivais e folclores, preservação do meio ambiente típico, das belezas naturais, assim como do patrimônio artístico existente no local⁶. Embora esta iniciativa destoasse da do Touring Club, que pretendia fazer com que seus associados realizassem viagens para conhecer o próprio país. Mas não para tomar para si a tarefa de tornar a atividade turística como algo rentável, ou mesmo projetar um plano com estes fins para a cidade. Muito embora, no organograma da Diretoria houvesse um espaço para a colaboração do tanto do Touring Club quanto do Automóvel Club⁷.

⁴ FILHO, Antônio Novaes. *Decretos e Atos da Prefeitura Municipal do Recife –Jan a Dez. de 1939*. Recife: Imprensa Oficial - Estado de Pernambuco, 1939, p. 9. Localizado no APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (anexo).

⁵ Quadros e Índices da phase de realizações que estamos vivendo. Declarações do Director da DEPT a esta folha. *Folha da Manhã* (Matutino), 11/05/1939.

⁶ Gazeta de Notícias (RJ), 25/07/1939.

⁷ O Automóvel-Club chegou ao Recife em 1935. Tinha a missão de melhorar as vias da cidade e conscientizar a população a cerca da movimentação dos veículos. Um dos tópicos de debate no *club* era a viabilidade de fazer do Recife uma destinação turística, mandando para o Rio de Janeiro e para Nova York, imagens da cachoeira de Paulo Afonso. Organograma – Diretoria de Estatística Propaganda e Turismo. *Revista Arquivos*, Nº1 de 1942. Recife: D.E.P.T. (Colocar notas sobre o touring club e sobre o automóvel club.

4

O “Dr. Apolônio Salles” era também o Secretário de Agricultura da Interventoria em Pernambuco⁸. Este era um cargo que daria acesso senão diário, mas sugere ao menos alguma proximidade com o Interventor de forma que ele parecia estar ciente das atividades extra-governo desenvolvidas por seu secretário. Digo isto porque ao que parece, Magalhães estava sintonizado com o que vinha sendo realizado pelo referido clube de turismo em Pernambuco. Em um de seus textos diários na *Folha da Manhã* no ano de 1941, Agamenon fez menções elogiosas ao papel que o Touring Club vinha desenvolvendo em nome do dever patriótico de proporcionar “o encontro de irmãos, tão unidos pelo espírito, pelas necessidades e sofrimentos comuns e separados pela distância e condições de vida tão diversas” (MAGALHÃES, p. 261).

Embora não houvesse uma crítica direta por parte de Souza Barros a esta postura de cunho nacionalista e sim práticas institucionais que se distanciavam desta, outras vezes delineavam comentários incisivos às ideias de Agamenon Magalhães. Em 1942, Gilberto Freyre publicou no diário *Correio da Manhã* (RJ), propriedade do seu conterrâneo Mário Rodrigues, um texto chamado *Turismo no Brasil*. Mesmo que não se possa aferir um embate frontal ao seu desafeto (Agamenon) (PINTO, 2006), o que Freyre apresenta é uma outra possibilidade, ou um alerta, sobre a forma como se deveria desenvolver a atividade turística no Brasil. Voltarei ao artigo mais adiante.

Desde a promulgação do Estado Novo, em 1937, Gilberto já não mantinha boas relações com o Interventor Federal em Pernambuco. Na verdade, em 1935, o escritor havia sido acusado de ter participado e organizado o levante comunista daquele ano⁹. O que lhes rendeu uma série de infortúnios durante o governo posterior.

Paulo Cavalcanti, advogado, no início da década de quarenta ainda estudante da Faculdade de Direito do Recife, relatou um incidente sintomático da relação entre a interventoria e Gilberto Freyre. Na adolescência, Cavalcanti resolveu contribuir com um artigo para um certo jornal não muito afeito à política desenvolvida no estado. Depois de depositar o envelope foi cortar as madeixas. Não demorou muito entraram dois homens, um deles segurando o envelope que ele tinha acabado de postar. Pediram para revistar a casa do

⁸ Esta informação está contida na reportagem já citada na nota 7.

⁹ V. ATHAYDE, Tristão de. Gente do Norte. *Diário de Pernambuco*, 28/02/1936.

5

rapaz e assim foi feito. Paulo escreveu sobre o incidente anos mais tarde em suas memórias.

Lembrou que o “tira”:

(...) mexeu e remexeu nos meus livros, separando alguns: Casa Grande & Senzala, Suor Espírito e fisionomia do bolchevismo, As forças secretas da revolução, etc. Nesse tempo, já nesse tempo, aliás, Jorge Amado era “subversivo”, não ficando por baixo Gilberto Freyre, perseguido pela polícia do “agamenonismo”, como ele próprio classificava o “Estado Novo” em Pernambuco (CAVALCANTI, 1978, p. 181/182).

Gilberto Freyre atribuía ao governo que vinha sendo desenvolvido em Pernambuco, um *status* de personificação do poder na figura de um homem só. Ele, a partir da fala de Paulo Cavalcanti, não atribuiu juízo de valor ao Estado Novo como todo, mas sim àquele tipo de política predominante em sua terra natal. Isto é sintomático, pois o próprio escritor não tinha problemas com o regime na então capital federal, o Rio de Janeiro. Durante o tempo em que esteve por lá publicou diversos artigos na Revista do Patrimônio e lançou um livro pela editora do SPHAN, enaltecendo a peculiar arquitetura dos mocambos. Temática expurgada - como mostrarei mais adiante - pelo interventor federal em Pernambuco (V. FREYRE, 1938).

Em uma carta enviada a Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde durante todo o regime, Agamenon Magalhães negou a solicitação feita pelo ministro a fim de nomear Gilberto Freyre para a função de Delegado do Serviço de Patrimônio em Pernambuco¹⁰. Ora, se Capanema indicou o escritor pernambucano para um cargo significa, por mais que tenha sido negado, que em outra esfera de um mesmo regime as relações são diferentes. Tendo estas em vista, voltarei ao artigo *Turismo no Brasil*.

Lá estavam Silva Melo, Gastão Cruls, José Lins do Rego e Gilberto no interior de um dos mais ilustres estados do sul. Enquanto viajavam, o trem parou e gerou uma série de inconvenientes deixando a sensação de que aqueles atropelos refletiam a falta de estrutura do Brasil para receber os turistas. A partir deste incidente, Gilberto Freyre iniciou o seu artigo de uma forma pouco amistosa para aqueles que defendem uma prática nacionalista de turismo. “É muito fácil dizer-se que o brasileiro precisa conhecer o Brasil, (...) Mas a verdade é que são muitas as dificuldades que se levantam contra a pessoa animada de tão boas e patrióticas intenções”¹¹. Essa pode não ter sido uma resposta ao Interventor, mas refuta o argumento

¹⁰ Carta de Agamenon Magalhães a Gustavo Capanema. 14/01/1938. – CPDOC/FGV. AGM c 1938.01.14/3

¹¹ FREYRE, Gilberto. Turismo no Brasil. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 13 jan. 1942

6

apresentado algumas linhas acima. Ele afirmou que é necessário um investimento na infraestrutura de locomoção para se realizar qualquer viagem no Brasil.

Um pouco mais adiante, o autor reconheceu que “há entre nós sociedades generosamente dedicadas a promover o turismo. Seus diretores já devem ter pensado nesses e em muitos outros problemas ligados ao lado humano do turismo”¹². A palavra diretores está plural, este é um dado que também pode significar algo para a história contada aqui nestas páginas.

No mesmo ano do artigo do *Correio da Manhã*, Freyre publicou pela José Olympio a segunda edição do seu *Guia Prático Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. A cada edição de um livro seu o autor costumava ampliá-lo de forma a atender todas as críticas, ou simplesmente acrescentar informações que ia coletando mesmo depois de concluir a obra (FONSECA, 2011). Com o *Guia* não foi diferente. A edição de 1942 trouxe informações úteis ao viajante, como o horário atualizado dos trens, dos bondes e dos aviões, além de um número maior de exemplares, uma vez que da edição de 1934 saíram apenas 105 (FONSECA, 2011, p. 235). Uma das reformulações no texto refere-se ao tópico “Turismo”. Nele o autor escreveu: “Ao turista interessará saber que há hoje no Recife uma Diretoria de Estatística Propaganda e Turismo, cujas funções estão oficialmente definidas por seu diretor” (FREYRE, 1942, p. 225). E encerra o texto dizendo que Souza Barros, “vem desenvolvendo uma inteligente atividade”¹³. Se ainda não consegui rastrear quem seriam os outros diretores que ele fala no artigo, ao menos um, é possível identificar quem seja.

Há uma complexidade de entendimentos sobre o significado de turismo no período em questão. Não há perspectiva uniforme, devido, inclusive, ao fato de que essas instituições que refletiam sobre a prática turística eram constituídas por pessoas que possuíam diferenças cognitivas entre si. Quando a Diretoria de Turismo da prefeitura do Recife utilizava no seu escopo de planejamento certos clubes particulares de turismo, ela estava englobando compreensões do que significava a prática turística.

O Automóvel Club (AC), que mencionei algumas linhas acima, era uma dessas instituições que estavam próximas à DEPT, mas que não necessariamente comungavam da

¹² Idem.

¹³ Idem. P, 226.

7

mesma perspectiva. O “turismo educativo”, nas palavras do jornalista Mário Melo, era o tipo de prática promovida pelo clube de automobilismo. Ao participar da excursão do AC, o jornalista proferiu uma palestra sobre os monumentos históricos do município de Igarassu e da importância deste para a história do Brasil¹⁴. Um dia depois do passeio escreveu que “praticamente foi iniciado no domingo último, o turismo em Pernambuco”¹⁵.

Ao dizer que aquela prática de viagem era educativa ele estava se aproximando do que anos depois o Interventor em Pernambuco viria chamar de “culto aos heróis”¹⁶. Que era basicamente estabelecer uma determinada narrativa histórica que enaltescesse um certo tipo de passado de brio de nacionalidade. Sobre Igarassu, Mário Melo teve como intuito “o alto objetivo duma lição prática do primeiro capítulo da história de Pernambuco”¹⁷. Ao apresentar uma determinada representação de passado, sua fala é legitimada, dentre outras coisas, por ser secretário perpétuo do *Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, uma instituição, à época, responsável por boa parte da produção do conhecimento histórico.

Talvez a maior preocupação de Mário Melo fosse não necessariamente com o turismo enquanto uma prática de comércio efetivamente, como propunha a DEPT, mas sim com o conteúdo do que se mostrava, independente dos frutos que por ventura deixasse a viagem. O seu intuito, por exemplo, das constantes visitas ao Automóvel Club era fazer com que as pessoas que faziam parte deste tivessem a hombridade de guiar os passageiros eventuais dos paquetes em trânsito e “orientá-los na cidade, a fim de que não vejam somente mucambos e mangue, e não tenham impressão da parte infecta que nos envergonha”¹⁸.

A preocupação com essa imagem da cidade não era gratuita. Estava ocorrendo no Recife de uma forma bastante intensa, pelo menos é o que posso aferir pela quantidade de informação produzida a esse respeito, a Liga Social Contra o Mocambo que produzia dentre outros o discurso de que aquela paisagem manchava um certo ideal de progresso proposto nos

¹⁴ *Jornal do Comércio* 06/05/1939.

¹⁵ MELO, Mário. Ontem, Hoje e Amanhã. *Jornal do Comércio*, 09/05/1939.

¹⁶ V. MAGALHÃES, Agamenon. Culto aos Heróis. In. *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*. 1942.

¹⁷ MELO, Mário. Ontem, Hoje e Amanhã. *Jornal do Comércio*, 09/05/1939.

¹⁸ Idem.

8
planos da interventoria em Pernambuco¹⁹. Há um indício significativo dessa preocupação de alguns setores do Estado, sobretudo os mais próximos do interventor com a paisagem recifense. O jornalista americano Henry Albert Philips da *National Geographic* teve uma experiência que nos interessa por hora. Quando esteve na capital pernambucana, além de ficar hospedado no Grande Hotel e admirar-se com as jangadas que iam e vinham no Rio Capibaribe, foi visitar os alagadiços da cidade acompanhado de um auxiliar do Interventor e constatou que “por todos os lados os mangues haviam sido drenados ou aterrados”²⁰. Ora, os mangues haviam sido drenados, mas nem todos. Talvez, se ele não estivesse acompanhado de um “auxiliar do governador”, teria compreendido que os carros de bois que observou na cidade vinham de lugares muito mais próximos do que de algum engenho nos arrabaldes, como presumiu o autor norte americano.

Mário Melo, por mais que não possuísse uma relação trabalhista com o próprio governo, estava muito próximo das diretrizes propostas pelo interventor. Durante o período em que o regime esteve em voga, o jornalista pernambucano ganhou notoriedade que legitimou a sua posição enquanto um homem que portava dentre outras coisas, “a verdade histórica dos fatos”. No ano de 1940, Melo viajou, com financiamento do governo a Portugal encaminhar suas pesquisas sobre a Guerra dos Mascates (MELO, 1985). A pesquisa foi premiada no 3º Congresso de História Nacional e publicada na revista do IAHGP. Foi-se descoberto então a “feliz coincidência” encontrada nos “novíssimos documentos encontrados na torre do Tombo” que a primeira manifestação republicana nasceu no mesmo dia que o Estado Novo²¹. A conexão daquele presente com o passado ao qual se refere conecta a história à prestação de um serviço, como o “turismo educativo”.

As compreensões do passado que Mário Melo escrevia diariamente nas suas colunas tinha como destinatário final o visitante que chegava ao Recife. Digo isto, porque havia, como já mencionei brevemente linhas anteriores, uma preocupação do secretário perpétuo do IAHGP com o passado que estava sendo transmitido ao visitante. Certa vez, ao descer de um

¹⁹ O trabalho de Thiago Francisco Pereira, atualmente mestrando em história pela Universidade Federal de Pernambuco, abordará a relação entre mocambos e a construção de casas populares no Recife do período em questão.

²⁰ PHILIPS, Henry Albert. Um Cruzeiro aéreo através do novo Brasil. In. *Boletim do Porto e da Cidade do Recife*. Jan-Jun de 1943.

²¹ MELO, Mário. A primeira manifestação republicana. *Folha da Manhã* (vespertino). 08/11/1940.

9

paquete, o jornalista foi abordado por um casal que lhes contou tudo o que haviam conhecido no Recife:

- *Tinha desejo louco de ver as ruínas do castelo de Duarte Coelho – disse-me. Felizmente encontrei um motorista que me levou aos arredores de Olinda e me mostrou o velho edifício.*

- *Vio-o mesmo?*

- *Vi-o. Vi-o e o fotografei.*

- *É pena que o vapor esteja de partida, porque eu é que queria aprender com você onde fica isso.*

- *Não conhece?*

- *Do Castelo de Duarte Coelho não restam nem vestígios dos alicerces... Aliás não admira muito a ignorância dos motoristas. Há gente elevada, com empáfia de conhecimentos, que não sabe, se quer, onde ficavam os dois arraiais da guerra holandesa.²²*

Dentre tantas coisas que esta citação poderia trazer para o texto, aqui utilizarei apenas um detalhe. Na primeira linha da conversa o homem diz que “felizmente encontrou um motorista” que mostrou ao curioso visitante o que tanto lhes interessava. A resposta de Mário Melo dá a entender um certo espanto, no que se refere a “veracidade” dos fatos apresentados. O passado que era transmitido, segundo ele, teria de ser verificado e autenticado por aqueles que detinham o conhecimento do que representavam os monumentos e suas importâncias. Não raramente ele próprio era a referência para este tipo de questão. Não é a toa que alguns anos mais tarde “a pedido do Centro de Choferes e da inspetoria de veículos, para efeitos de turismo e a pedido da prefeitura do Recife, para organização de um guia da cidade”²³. Esta não foi à única solicitação feita a Mário Melo para listasse monumentos para uma visita ao Recife. O *Pan American Year Book*, também fez o mesmo pedido e foi correspondido²⁴.

As compreensões do que significava o termo turismo naquele início da década de 1940, não é senão a tentativa de compreender como os conceitos são apropriados ao longo dos anos e de maneiras tão diversas em um único momento. As redes de articulação política, que por vezes instituí determinadas práticas, representam para esta pesquisa um ponto fulcral da análise. Tentei apresentar as falas, suas relações dos enunciadores e, sobretudo, refletir como cada sujeito dentro das suas interlocuções compreendiam o que significava a prática do turismo.

²² MELO, Mário. Ontem Hoje e Amanhã. *Jornal do Commercio*, 08/03/1939.

²³ MELO, Mário. Crônica da Cidade. *Jornal do Commercio*, S/D.

²⁴ Carta de Hal F. Lee a Mário Melo. 03/11/1944. Acervo CEHIBRA/Fundaj.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. *A Construção da Verdade Autoritária*. São Paulo: Edusp, 2005.

CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi: da coluna prestes à queda de Arraes*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.

FILHO, Antônio Novaes. *Decretos e Atos da Prefeitura Municipal do Recife –Jan a Dez. de 1939*. Recife: Imprensa Oficial - Estado de Pernambuco, 1939.

FONSECA, Edson Nery. *O Grande Sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Cassara, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Mocambos no Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Publicações do Serviço Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1938.

FREYRE, Gilberto. *Guia Prático Histórico e Sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1942.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990.

MAGALHÃES, Agamenon. *Idéias e Lutas*. Recife: Ed. Raiz, 1985.

MARCELO, Hernan Venegas. *Patrimônio Cultural e Turismo no Brasil em Perspectiva Histórica*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2011.

MELO, Mário. *Guerra dos Mascates como afirmação nacionalista*. Imprensa Oficial, 2º Ed. 1985.

PINTO, João Alberto da Costa. *Gilberto Freyre: cultura e conflitos em Pernambuco (1923-1945)*. Revista Plurais, Vol. 1, nº4. 2006